

Mais Atenas

J. Roberto Whitaker Penteadado

Tenho certeza de que você não está com saudades de ler o que quer que seja acerca dos Jogos Olímpicos de Atenas - essa imensa demonstração esquizofrênica da mídia brasileira que terminou - graças a Zeus - no domingo passado. Mas não me abandone - ainda. Acho que temos do que conversar, já que os colegas dos grandes veículos esgotam-se nas suas superficialidades lúdicas (e dos patrocinadores) e pouco tempo - ou QI - sobram para coisa mais séria.

Por exemplo: Estados Unidos, China e Rússia - juntos - ganharam 32% de todas as medalhas em jogo. Outros 71 países ganharam os 67% restantes. E 44 países não ganharam medalha nenhuma. Mas será que número de medalhas - ou apenas as medalhas de ouro - são um critério suficiente de avaliação da qualidade esportiva? O cruzamento das medalhas com as populações dos países competidores produz revelações: a China - considerada uma "sensação" dos jogos - levou uma medalha para cada 20,56 milhões de chineses; os EUA conquistaram 1 medalha para cada 2,85 milhões de habitantes, enquanto a Rússia teve uma para cada 1,59 milhões. Quem é o melhor?

Por esse critério, também, algumas pequenas nações agigantam-se: a Eslovênia pode mostrar uma medalha a cada 500 mil dos seus cidadãos; a Estônia, 1 por 470 mil. A Grécia superou-se, com uma relação de 1 para 700 mil - e, no nosso lado do mundo, a Jamaica brilha com 1 para 540 mil. Os títulos merecidos de campeãs olímpicas, contudo, deveriam ir para Austrália (1 para 410 mil) e Cuba (1 para 420 mil). Nessa ótica, nosso Brasil fica com um desempenho bisonho: 1 medalha para cada 18 milhões de habitantes. Levaria um mês completo para que cada um deles pudesse apenas contemplar, durante um segundo, o troféu. Só ficamos atrás da China - já vista - Síria (1 x 19 milhões), México (1 x 20 milhões), Indonésia (1 x 55 milhões) e Índia (1 x 136 milhões!) Não se tratam de países muito esportivos - ou, quem sabe, competitivos...

Nosso desempenho estatístico melhoraria, se os esportes de equipe ganhassem mais medalhas do que os individuais. Isso não é tão absurdo assim se se perguntar quem fez o maior esforço: o rápido nadador Michael Phelps, capaz de chegar na frente nos 100m, 200m, 300m, 400m, 500m...? Ou as nossas bravas onze meninas (ou um pouco mais) que conquistaram apenas uma prata estatística, no futebol, depois de uma verdadeira saga - de muitos embates?

Finalmente, uma palavra sobre as Olimpíadas como mídia. Já tratamos do assunto, aqui, nas semanas passadas - mas queria abordar um outro aspecto: o de que como show, entretenimento, attention-getter, a esmagadora maioria dos esportes olímpicos são muito, mas muito, muito chatos. Por força dos meus exercícios matinais, na esteira, passei alguns dos mais tediosos momentos da minha vida contemplando embates de tae-kwon-do, luta greco romana (é levemente obscena), judô, remo, saltos ornamentais, ciclismo, corridas de fundo, hipismo, ginástica individual, levantamento de peso, arremesso de martelo, dardo, iatismo(!)... uma chatice monumental. Até o box - com um hermético sistema de contagem de pontos - é um porre, televisado.

Felizmente, essas coisa só vão voltar à TV - para tirar audiência dos nossos Big Brother e Novela das 8 de cada dia - dentro de quatro anos.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. Mais Atenas. **JRWP - J. Roberto Whitaker Penteadado**, Rio de Janeiro, set. 2004. Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=300&ID=225>>. Acesso em: 15 set. 2009.